O DISTRICTO DE AVEIRO

PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)
Anno, 3$540 réis — Semestre, 1$770 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas—Folha avulsa, 40 réis—Annuncios, 20 réis por linha—Correspondencia não franqueada, não sera' recebida —Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

Preços: (sem estampilha)
Anno, 3$000 réis — Semestre, 1$500 réis — Trimestre, 800 réis.

NUMERO 25 | **TERÇA-FEIRA 24 DE SETEMBRO DE 1861** | **PRIMEIRO ANNO**

AVEIRO

Os governadores civis são obrigados pelo artigo 233 do codigo administrativo a visitar annualmente os seus respectivos districtos, para proverem ás necessidades publicas quanto couber em suas attribuições, e darem conta ao governo das necessidades de que são susceptiveis.

O mesmo codigo lhes incumbe a promoção do estabellecimento de sociedades industriaes, e de quaesquer outras, para objectos de utilidade publica; a inspecção geral, e superior sobre a execução de todas as leis, e regulamentos de administração; e em fim muitos outros deveres teem os governadores civis, filiados no interesse, e boa governação, e melhoramento dos seus districtos.

Para bem desempenhar estas obrigações é indispensavel que os governadores civis façam a visita annual de seus districtos que lhes é prescripta pela lei.

Não é no gabinete que se estudam profficientemente as verdadeiras questões sobre a boa administração distrîctal. E' necessario conhecer praticamente, e estudar a topographia das localidades, a natureza do sóllo, os costumes peculiares a cada povoação, as industrias para que mais asado é o terreno, e para que mais propendem os seus habitadores, a sua relação com as terras lemitrofes, e muitas outras condicções em que podem estar os diversos concelhos do districto.

Convem mesmo que o governador civil aprenda os caracteres que por sua posição, ou por qualquer circumstancia, exercem influencias nos povos das localidades. Não devem escaparlhes os odios pessoaes dos individuos, cuja representação avulta nos concelhos, e as suas amisades extremas.

A ignorancia dos governadores civis neste assumpto produz regularmente grandes estorvos a uma boa governação,

O governador civil tem obrigação de fazer a visita annual ao seu districto, porque só pessoalmente elle pode ver, e examinar tudo, e fazer juizo com o menor perigo de erro. A escriptura official é um grande numero de vezes impotente para dar facil transumpto de muitos factos, e de muitos accidentes.

Mas não basta que o governador civil assim estude as necessidades, e as condicções dos povos do seu districto. É mister que elle tenha zelo, boa vontade de bem servir, e resoluta dedicação pela administração que lhe é confiada.

Lamentamos que o sr. governador civil deste districto d'Aveiro tenha vivido até hoje descuidoso de seus principaes deveres.

A sua administração, se exceptuar-mos os trabalhos elleitoraes, e ainda desses podemos affoitamente dizer;

hos ego versiculos feci, tulit alter honores,

não tem passado do mero expediente da secretaria.

Nenhuma promoção de melhoramentos materiaes, ou moraes, nos concelhos, nenhuma cooperação ás associações, ou industrias; nenhum pensamento, ou facto, que assignale, que deixe sequer vestigios da administração do sr. governador civil.

Da atonia do primeiro funccionario vem a inercia, vem mesmo as prevaricaçoens dos subordinados.

Clama-se contra os excessos dos administradores do concelho, mas é clamar no deserto. Sejam exemplo os clamores que a imprensa tem publicado contra o administrador do concelho de Sevêr e Ovar.

Por muitos concelhos do districto ha rendimentos municipaes que sobem a grande cifra; ha impostos onerosissimos; ha desperdicios muito avultados; ha mesmo esbanjamentos e delapidações; — ao mesmo tempo que ha muitas estradas municipaes intransitaveis, edificios descurados, e se está sentindo a falta de muitas obras, e melhoramentos que poderiam começar-se, e levar-se a cabo, se o dinheiro dos concelhos fosse aproveitado, e se o primeiro funccionario do districto superintendesse com o zêllo que lhe cumpre ás administrações municipaes.

Como póde porém o sr. governador civil formar juizo seguro das obras e melhoramentos de que as terras do districto carecem, se elle só tem conhecimento dellas pelo nome?

Como póde saber ao certo se ha desperdicios na applicação das rendas municipaes, se elle nunca inspeccionou os logares, e os objectos em que ellas se dizem dispendidas, e se aquelles, de quem officialmente recebe informação na secretaria, são regularmente interessados em encubrir-lhe a verdade?

Como póde o sr. governador civil avaliar e prover com inteireza aos clamores do povo contra os funccionarios administrativos, se elle não investigar pessoalmente, ouvindo a todos, visto que as considerações, e o espirito de classe, nunca deixam transparecer a verdade nas informações que se pedem aos administradores d'outros concelhos?

O sr. governador civil tem sido até hoje mau funccionario, porque nada mais tem feito do que assignar officios d'expediente.

Fazemos-lhe a justiça de acreditar que não é só á sua natural indolencia, que deve attribuir-se a negação de vida administrativa deste districto.

O sr. governador civil é mau funccionario, porque não sabe, porque não conhece o districto, e as suas necessidades.

Para isso era mister que elle cumprisse a lei, visitando annualmente os concelhos delle; mas estamos em fins do anno da sua gerencia, e o sr. governador civil ainda o não fez.

Não lhe fazemos guerra acintosa, nem a faremos a ninguem. Desejamos entranhavelmente que o districto prospere, quer elle seja governado por gregos ou troianos.

Cumpra elle o seu dever, e louvaremos os seus actos.

Consta-nos porem que s. ex.ª tem declarado aos seus amigos que lhe lembram a conveniencia de visitar o districto, e acudir pelas suas mais urgentes necessidades, mas que não está resolvido a incommodar-se com isso, porque não conta com estabilidade no emprego; porque, sendo de pura confiança, não espera continuar a governar o districto logo que haja mudança ministerial.

Eis-ahi a deploravel situação da nossa administração publica.

Eis-aqui uma boa desculpa para se lucrarem ordenados pingues sem trabalho.

Eis-ahi o fructo que a nação tira das enormes despezas que está fazendo com os seus funccionarios.

Não relleva porem a coarctada do sr. governador civil. Já lá vão os tempos da intolerancia politica em que á sahida de um ministro lhe faziam cortejo todos os que o ajudavam a servir o paiz.

E que assim fosse ? Aquelle que acceita um encargo publico, que a nação paga tão caro, não contrahe a obrigação de desempenhar todos os deveres que a lei lhe prescreve ?

Sr. governador civil, o dinheiro da nação não é patrimonio de ninguem. Ella não paga aos seus funccionarios, para viverem no ocio, e na molêza.

Mas o sr. governador civil podia mesmo fazer muita coisa a bem do districto, sem fazer a visita delle. Porem não o faz; e nisso dobradamente pécca.

O sr. governador civil tem obrigação de vellar pelo interesse dos povos que administra.

E como cumpre elle esta obrigação? Corramos um veu sobre este quadro.

E comtudo, porque ainda póde aproveitar, limitar-nos-hemos a dizer, que o sr. governador civil vê que os tributos nesta cidade, e em muitos concelhos do districto estão a ser lançados ás industrias com tanta injustiça, que talvez as classes industriosas, e artistas paguem muito mais do dobro do que deviam pagar; vê que o sr. ministro da fazenda declarou no parlamento que faria justiça a todas as camaras qne lhe requeressem a transferencia de classe, que é o mesmo que dizer a reducção dos tributos; vê que a camara d'Aveiro, e outras do districto tem ficado inertes, e deixam espoliar com indifferença a população dos seus concelhos;—e o sr. governador associa-se nesta mudez, e nesta indifferença, com as camaras, e não apparece um só acto seu, uma indicação sequer ás camaras para que zelem os interesses dos seus concelhos, e para que ergam clamores até o governo, a fim de que os artistas, e os industriosos de seus concelhos não sejam espoliados com a enormidade do tributo.

Repetimos que não hostilisamos acintemente o sr. governador civil, nem pômos nisso algum empenho. Antes folgariamos de poder louval-o porque isso nos abonaria a felicidade do districto.

Em quanto porem não virmos que elle faz mudança na sua vida de magistrado administrativo, não cessaremos de clamar para que se dedique ao desempenho das obrigações que a lei lhe impõem, ou deixe vago o emprego a quem mais profficientemente possa servil-o.

Não sabemos qual de nós se *estomacou*, se fomos nós ou o sr. M. R.

O sr. M. R. dirigiu-nos ha tempos no *Portuguez* umas palavras tão enigmaticas e fóra de sentido, que nós ficámos — sinceramente — sem saber o que nos quizera dizer. Seria — *multa paucis* — como s. s. diz, mas é certo que por mais que as espremessemos, não lhe achamos summo algum, e apostâmos que o proprio sr. M. R. não seria capaz de lh'o encontrar.

Não lhes demos resposta, porque realmente a não tinham — nem comica nem séria: contentamo-nos em lhe devolver, em paraphrase, as suas palavras.

O sr. M. R., que affirma não ter tido outro intuito senão concorrer para que vingue o pensamento do jornal, magoou-se porque lhe respondemos com trocadilhos, segundo diz, que não merecem « resposta séria », e aos quaes não quer dar « resposta comica ».

Nem nós lh'a pedimos. Agradecemos o seu intuito quanto ao jornal, mas não sabemos se a maneira porque o faz o justifica.

Sériamente: nós não temos dúvida em discutir com o sr. M. R., e somos os primeiros a pedir que haja seriedade nos debates da imprensa. O que nos repugna e nos fatiga são estes tiroteios de espirito, ou antes d'amôr proprio, que não convertem nem divertem, e que affastam a attenção d'assumptos importantes, dos quaes o sr. M. R. confessa que se deve tractar sollicitamente.

Mas quem collocou as cousas nesse terreno? Decerto não fomos nós. Veja o sr. M. R. o que escreveu, e ainda escreve, e ahi encontrará a rasão dos taes trocadilhos. A. P.

(COMMUNICADO.)

Duas palavras ácerca da recepção do sr. Manoel Firmino.

Lendo no *Campeão das Provincias* a descripção dos festejos, que os amigos do sr. Manoel Firmino lhe fizeram em Ilhavo no dia 15 do corrente, tomei logo a resolução de relatar a verdade do que a tal respeito soube, a fim de que o publico não avalie os factos pela narração infiel, que delles faz o alludido jornal—trombeta caseira do sr. Firmino.

E' certo que em Ilhavo constava ha muito que o sr. deputado dos cabos de policia d'Agueda, combinara com os seus amigos de *hoje* vir mostrar-se ao povo desta villa com o fim manifesto de fingir uma popularidade que não tem, e que para esse fim havia destinado o dia 16 do corrente; porém os seus amigos que são poucos em n.º, e ainda alguns desses de nenhuma importancia politica e outros *de triste celebridade*, reuniram-se, pensaram no caso e os mesmos conspicuos lembraram, que sendo o unico fim da vinda do sr. Firmino a Ilhavo armar á popularidade e impôr

---

FOLHETIM

NAPOLES E AS SUAS PROVINCIAS

POR

ALEXANDRE DUMAS.

DE NAPOLES PARA CUMAS.

(Continuação do n.º 22)

A margrave de Bareuth esgalhou um ramo do loureiro, que espontaneamente brotara junto ao tumulo de Virgilio, e o mandou ao seu irmão Frederico 2.º da Prussia com uns versos feitos por Voltaire, que declaravam, que aquelle ramo era mandado como homenagem não só ao genio militar, mas tambem ao talento poetico.

Lamartine e Casimiro Delavigne foram, cada um por sua vez, de peregrinação ao tumulo de Virgilio. Casimiro Delavigne na sua visita já encontrou secco o loureiro, d'onde se tirara o ramo para Frederico 2.º. Aproveitou-se d'esta occasião para mandar plantar outro no mesmo lugar; mas o novo loureiro talvez tão desgostoso com o *poeta jardineiro*, como com o seu predecessor, obstinou-se tanto a não viver, como o outro se obstinara a morrer.

O antigo edificio, coroado por uma cupola, assentava sobre uma base quadrada; por dentro era ornado com lavor reticular, e tinha um *columbarium* destinado provavelmente para os libertos. Haviam onze nichos abertos na parede, para collocar as urnas; e todo o mausoleu occupava uma area de 19 palmos e meio quadrados, e tinha 17 e meio d'altura.

«Virgilio, diz Villani na sua chronica, foi sepultado no lugar que se chama hoje: Santa Maria dell'Istria.

«O monumento era um pequeno templo quadrado, e o epitaphio insculpido em letras antigas permaneceu legivel no marmore intacto até ao anno de 1316.»

Affonso de Heredia, bispo d'Ariano, que viveu em 1500, foi um dos conegos regulares da proxima egreja de Santa Maria, em Pie-di-Grotta,— antigos proprietarios do tumulo e do terreno, onde estava erguido. Este conego nos deixou informações de que — em 1326 o sepulchro de Virgilio era um monumento de tijolo, e no meio haviam nove columnas, supportando a urna de marmore, onde estava gravado o distico bem conhecido, que já citámos.

As nove columnas—e este numero pode ser um acaso, mas tambem pode ser uma allusão ás nove musas — provavelmente estavam dispostas ao redor da sepultura, ou collocadas no terrasso superior, e rematadas pela urna com a inscripção.

O caminho de Napoles a Puzzuoli pela *grotta* passava junto á base do monumento; e ainda hoje o viajante que percorre esta classica terra — ao passar—tributa homenagem á memoria do que a celebrou.

Já que nesta *grotta* fallámos, toca-lhe a sua vez de ser descripta historicamente.

Antes d'entrar, se distinguem ainda hoje 3 inscripções antigas no sitio em que devia ser o famoso templo de Priapo, onde se perdeu Petronio, a quem Quartilla, sacerdotisa do deus, e Psiché, sua famula — fizeram pagar bem cara a imprudencia. Uma das inscripções é feita em verso, e dedicada ao tumulo e ao loureiro de Virgilio; as outras referem-se á restauração das antigas thermas d'aguas mineraes, que havia entre a outra extremidade da gruta, e as 3 columnas do templo de Sérapis.

Em Baia descobriam-se inscripções semelhantes, indicando as qualidades salutiferas dessas fontes, que eram nada menos que 48. Borbulhavam 39 por as circumvisinhanças do lago d'Agnano, em Astroni nas faldas da collina Leucogei, e do monte Olibano. As outras 9 eram nos territorios de Baia e Miseno. Foram feitas aquellas inscripções pelo medico Sebastião Bartoli, auctor da *Thermologia Aragoniæ*. Descobriu estas aguas, analysou-as, e reparou os banhos em 1669 por ordem do vice-rei D. Pedro d'Aragão.

Atravessando a *grotta* descobre-se o aqueducto, que é dividido em dous canos. Por um delles corria agua para Puzzuoli, e Miseno, — e por o outro para as *villas* de Lucullo e Pollião.

A *grotta* é uma das antigas passagens subterraneas, que os povos primitivos escavavam nas montanhas para encurtar as estradas. E' provavel que a origem desta retroceda até aos pelasgos, de quem havemos de fallar, quando tratarmos de Cumas.

Strabão diz, que no tempo d'Augusto só tinha a largura sufficiente para a passagem de 2 carros em direcção opposta, e que era illuminada por frequentes aberturas na abobeda. — Seneca indo de Baia para Napoles passou por esta *grotta*, e conta-nos que era um subterraneo comprido, escuro e lamacento.— Petronio diz, que a abobeda era tão baixa, que um homem de estatura ordinaria tinha de curvar a cabeça quando passava; entretanto é de crer que esta precaução só fosse necessaria em algumas partes.

Affonso 1.º d'Aragão mandou alargar a *grotta*, e rebaixar o solo, ficando assim mais alta, ampla e illuminada. No tempo de Carlos 5.º, o vice-rei Pedro de Toledo, que em Napoles abriu a bella rua que lhe deve o nome, nivelou-a conforme se vê actualmente.

Esta galeria subterranea tem cerca de 7 metros d'altura, e 1800 de comprimento. Em ambas as extremidades a altura chega a ser de 18 a 20 metros, mas para o meio a abobeda é baixa e desigual. A' maneira que nos vamos internando na *grotta*, o solo eleva-se um pouco, e depois desce para o lado de Puzzuoli. No fim de fevereiro e no fim d'outubro ha um dia, em que o sol no seu occaso illumina a galeria, e a inunda com os seus raios d'uma extremidade á outra. Este dia é advertido aos estrangeiros, e aos proprios napolitanos por meio d'annuncios nos jornaes, cartazes nas esquinas, e circulares entregues nas hospedarias.

Saindo do subterraneo se encontra a aldêa de Pie-di-Grotta, celebre por a Madona, e sua festividade, e por o quadro de Leopoldo Roberto.

aos estranhos, que a maioria dos cidadãos deste concelho lhe é politicamente afeiçoada; tal fim não se conseguiria vindo o sr. Firmino no dia 16, porque sendo dia de trabalho corria o risco de se achar no meio da villa cercado só dos seus bem poucos amigos—pela maior parte aspirantes a empregos, o que seria um terrivel desapontamento para todos, e que por isso era absolutamente necessario, que a vinda fosse no dia 15, porque sendo dia santificado appareceria como de costume, bastante gente pelas ruas, e poder-se-hia então mais facilmente fazer acreditar que essa gente comparecera ali em obzequio ao conspicuo deputado.

O plano agradou e mereceu a approvação do interessado, a quem se communicou o negocio segundo é vóz publica, assentando-se definitivamente que a *entrada triumphal*—teria logar na tarde do dia 15.

A' hora convencionada os *cavalheiros do retrato* estavam a postos; mas do povo não havia noticia; em tão grave aperto recorreram ao unico expediente, que tinham para athrahir alguem: atirou-se fogo do Fartura e a muzica d'Aveiro vinda expressamente da Oliveirinha, donde tambem vinha o sr. Manoel Firmino (!!!) tocou por algum tempo; o povo sempre curioso acudiu então á praça attraido pelos foguetes e pela musica, e nada mais.

Do sr. Firmino nem cogitava nem queria saber, e a prova é, que ninguem o victoriou nem sequer saudou de chapeu, não obstante o conspicuo deputado atravessar a praça descuberto de bonet na mão, como implorando uma saudação, que ninguem cuidava em lhe dar.

O sr. Firmino seguiu para casa do sr. Barreirinha, acompanhado só dos taes poucos amigos que por mutua combinação o tinham ido esperar: o povo não o acompanhou, não o victoriou, não lhe deu importancia, e teve razão.

Se em casa do sr. Barreirinha comeram bem não sabemos, mas é de de crer; porem o que ninguem viu nem ouviu, foram as acclamações e vivas do povo á porta deste sr., pela simples razão, de que não estava lá.

As pessoas que em Ilhavo representam a propriedade e a decencia, não esperaram nem appareceram ao sr. Firmino; conhecem este sr., e nada esperam d'elle, porisso que sabem o que elle é, e o que vale politicamente.

Sabem que, como deputado, não está habilitado para discutir um projecto de lei, e que a maior parte delles nem os intende, não podendo fazer mais do que *apagar a discussão*; sabem a importancia politica que elle deve ter, e conhecem, que o concelho d'Ilhavo lhe não deve absolutamente o mais pequeno favor, e ainda não vae longe o tempo em que o sr. Firmino declarava que Ilhavo devia ser annexado a Aveiro, muito embora hoje se inculque, ou o inculquem, para fins que todos conhecem, como *salvador da patria* e *protector universal!!!*

São arteirices essas muito safadas para quem tem um pouco de senso commum. Esta é a verdade dos factos presenciados por muita gente, que se riu de boa vontade com tão caricata recepção.

Agora concluiremos com uma pergunta ao *Campeão das Provincias* quantas e quaes eram as pessoas *gradas* do concelho d'Ilhavo que esperaram o sr. Firmino ?

Respondam, mas tenham cuidado, não mencionem alguns a quem já encheram de lama no mesmo jornal, em que agora lhes dão o nome de *pessoas gradas e de cavalheiros ! ! !*

Aos taes era melhor que em vez desta qualificação lhe dessem a de pessoas *celebres*, ainda que de triste celebridade ! ! ! Assim eram coherentes ao menos uma vez em sua vida ! Não acham?!!

Ilhavo 23 de setembro de 1861.

A. F. P.

IBERISMO.

Segue o 7.º e ultimo artigo do *Contemporaneo*, jornal de Madrid.

HESPANHA E PORTUGAL.

Claramente se vê, pelo que temos dito até aqui, que a união de ambos os reinos peninsulares não póde nem deve fazer-se pelos meios violentos e rapidos, e que pelos lentos e pacificos é de sobejo difficil realisal-a. Sem embargo, a união peninsular convém e importa muito ao bem estar e futura grandeza de portuguezes e hespanhoes. O movimento que nos leva a esta união não provem, nem de decadencia nem de prostração, mas muito pelo contrario, da energia que mostra e dos vôos que levanta, com a crescente prosperidade, e espirito nacional outr'ora enfesado, rachitico e abatido. Longe, pois, de fanar-se ainda em botão, a idéa do iberismo chegará, com o decorrer dos tempos e assiduo cultivo, a dar os fructos desejados, indo no entanto enraizando-se e tomando vigor no augmento da população commercio e industria de um e outro povo da peninsula.

Mas, ainda mesmo que nos neguem esta verdade, será sempre evidentissimo e innegavel que nem Portugal deve receiar a união, nem a Hespanha ambicional-a descomedidamente, até que chegue o ditoso dia em que Portugal de seu motu proprio, unanimemente persuadido da sua conveniencia a deseje e peça, e ainda assim, será mister que o proposito seja firme. As nações são muitas vezes levianas e cheias de velleidades; apetecem hoja para aborrecer ámanhã. Nem todas têem a firmeza que Aragão teve nos seus propositos; muitas se parecem com os inquietos napolitanos, que hontem se mostravam anciosos e namorados da união tialiana, entregando-se, sem a menor resistencia, a um punhado de aventureiros; e hoje se levantam contra essa união, como se fosse o mais insoffrivel jugo!

Exemplo é este de muita lição e que nos deve tornar assaz cautelosos. Não ha, pois, que ambicionar a união, nem que receiar della, por emquanto. O que nos cumpre, o que nos interessa é preparal-a, ou ao menos, caminhar para uma alliança estreitissima, valendo-nos para tal fim de todos os meios ao alcance da civilisação e da politica.

As vias ferrêas devem unir-nos quanto antes, e tornadas nullas ou mui insignificantes as distancias, os hespadhoes visitarão Lisboa, e ainda mesmo na decadencia desta cidade, terão com que maravilhar-se de sua magnifica posição, do seu esplandor passado e da magestade real, que conserva ainda, reconhecendo que está fadada para ser de novo a capital de um imperio vasto e poderoso. O trato frequencia de visitas, entre um e outro povo acabarão por dissipar as preoccupações, pouco amigaveis, que nos separam, estreitando os laços que nos unem. O geral dos portuguezes conhecerá que nem todos os hespanhoes são os humildes gallegos, que em bandos acorrem a ganhar sua vida naquelle paiz, onde são tão injustamente menospresados, que uma das palavras mais offensivas, que um portuguez póde dirigir a outro é chamar-lhe *gallego*. Os portuguezes illustrados acabarão por convencer-se de que não são os hespanhoes nem mais crueis nem mais sanguinarios, do que outro qualquer povo do mundo, em épocas anormaes e de revolução; e de que em Hespanha não se fuzila nem enforca ou dá garrote mais frequentemente e por menores causas, do que na França na Allemanha ou na Italia, em identicas circunstancias. E tanto os portuguezes como ss hespanhoes nos havemos de convencer, de que em pontos de vaidade nacional e d'um certo entono jactancioso, não temos que mofar uns de outros, porque ambos sômos peccadores do mesmo delicto, e não pouco; não indo todavia, nem aqui nem ali, estes inegaveis defeitos até ao extremo ridiculo, que certa malevolencia, um tanto grosseira ainda que engraçada, nos representa com todos os caracteres da certeza e veracidade. Por ultimo, os habitantes abastados de ambos os reinos, que visitam agora com tanta frequencia Paris, talves venham e vão alternativamente a Madrid e a Lisboa: talvez se conssiga ver em nossos salões, em nossos theatros, atheneus e clubs, a aristocracia de nascimento, de intelligencia e de riqueza de Portugal; e talvez que muitos dos nossos elegantes, e damas corram, no verão, ás amenas e ferteis margens da embocadura do Tejo, ou aos sombrios e deleitosos bosques e jardins de Cintra e de Colares, em vez de irem para as Vascongadas, Biarritz ou Santo Ildefonso.

A fim de que o cemmercio entre Hespanha e Portugal seja mais activo e proveitoso, convém formar uma liga de alfandegas, em cujo intuito deve o nosso governo começar por fazer uma reforma de pautas, no sentido mais liberal possivel. Deste modo o contrabando de algodões que Portugal faz com Hespanha, ... receberá um golpe mortal, perdendo, verdade seja, immediatamente aquelle paiz valiosos recursos e ganhos consideraveis, e aquelle estado uma grande parte do rendimento de suas alfandegas, não sendo porém mui duradoura esta perda, pois num commercio licito a compensará e se ressarcirá com usura.

Celebrada a liga das alfandegas, mais facil se ha de tornar a navegação dos rios, hoje paralisada, como a do Douro, apesar do tractado e, porventura, graças a um regulamento ridiculo, pela desconfiança fiscal, que não consente a introducção pelo Porto dos nossos fructos coloniaes. As fabricas de tecidos e de estamparia que ha em Lisboa, não tendo já que pagar o premio do contrabando poderão abastecer os mercados do occidente da Hespanha, e surtir por modico preço provicias inteiras, competindo melhor do que agora competem com as fabricas de Malaga e da Catalunha. O commercio por mar entre ambas as nações poder-se-ha activar e fomentar, por meio de tractados para a cabotagem, e com a suppressão do, não diremos inutil mas nocivo, direito differencial de bandeira, que exclue o nosso pavilhão de tantos portos e mares, em logar de favorecer a marinha. O commercio de importação de Hespanha em Portugal irá tambem em augmento, fazendo diminuir o de Portugal com Hollanda e Inglaterra para onde exporta as lãs de nossos gados. E, por ultimo, Porto e Lisboa serão o imperio de todas as Hespanhas no Atlantico, ou ao menos compartirão com Vigo e Cadix deste beneficio, levando-se-lhes os nossos cereaes e vinhos, sedas, resinas, e açafrão e soda, e trazendo-nos o assucar, o chá e café da America e China, e os objectos d'arte e artigos de modas e luxo da Belgica, França e da Grã-Bretanha.

A similhança e estreito parentesco entre os idiomas portuguez e hespanhol, e a idéa commum em que se fundam ambas as civilisações, fazem conveniente e que se declarem, por fim, validos em Hespanha os graus academicos conferidos em Coimbra, assim como em Portugal os das universidades de Hespanha. A historia, as leis, a litteratura, as instituições de um e outro paiz, devem ser, para o futuro, mutuamente melhor conhecidas; e os classicos portuguezes tão lidos em Hespanha, como em Portugal. O editor Rivadeneira deveria incluil-o na sua collecção ao lado dos hespanhoes. De outra sorte não a julgaremos completa. Barbosa devêra ser tão consultado como Nicolau Antonio pelos hespanhoes. Em vez de cometter *gal icismos*, deverâmos incorrer em *portuguezismos*, o que, além de não dar a nossos esciptos um colorido estrangeiro, lhes prestaria certo perfume de castiça singelleza, e d'aquella graça primitiva e candor que já teve, e vae perdendo o nosso idioma. A academia real de sciencias e de historia de Lisboa, que, em pouco mais de um seculo, que tem de existencia, ha realisado tão grandes cousas, e sido honrada com sabios tão eminentes, e entrado em emprezas tão colossaes; deveria estar em intima communicação com as nossas academias. Algumas destas emprezas deveriam proseguir-se e terminar-se de mão commum; como; por exemplo, a curiosa collecção de documentos e memorias sobre a historia, religião, usos e costumes das nações barbaras, que ambos os povos submetteram, noutras eras, tanto no novo, como no velho continente.

Já em 1795 estava proximo a sahir a lume o primeiro tomo desta collecção, que continha uma memoria sobre a religião dos povos da India, escripta pelos jesuitas de Gôa: uma historia da Cochinchina, de outro jesuita, e um largo discurso sobre a nação das guaranís que povôa o Paraguay.

Os nossos missionarios, os nossos naturalistas, os nossos viajantes, completam-se uns pelos outros, e todos juntos se póde assegurar que foram os primeiros a estudar as linguas, a historia, os usos e os costumes dos povos mais remotos, e a flora e fauna das mais longinquas regiões nunca exploradas e antes occultas.

Da mesma forma, livros que ora se escrevem em Portugal e Hespanha deveriam ser mais lidos e estimados, com o que nos apreciariamos melhor e haveria uma emulação litteraria, muito proveitosa e um mercado mais avultado para este genero de productos, os quaes em ambas as nações e em ambas as linguas têem, desgraçadamente, mui pequena sahida.

Em summa, nós não pedimos a fusão, nem a união politica de ambas as nações, mas desejamos a sua amisade: não queremos ir para Portugal a fim de unir com violencia o seu ao nosso destino, mas sim, desejamos ir como os navios que chegam a *falla*, a fim de conhecermo-nos e de ver se faz conta ou não aos portuguezes um enlace meio projectado.

Bem póde ser que se namorem e se casem; mas ainda que assim não succeda, se elles são bons e dotados de estimaveis prendas, não poderão deixar com o trato intimo, de vir a ser, quando não esposos, pelo menos intimos e leaes amigos.

Isto e não mais é o que, por em quanto, desejâmos; e nada nos lisongeará tanto, quanto o saber que os portuguezes sentem de nós, o que nós delles, em cujo louvor repetimos com toda a sinceridade aquellas palavras de Plinio — *o moço* a Cornelio Tacito, que e sr, Frire de Carvalho com rasão e sem basofia, applica a seus compatriotas:

«Em verdade que reputo por afortunados, aquelles a quem os deuses, em sua alta muuificencia, concederam, practicar acções dignas da escripta, ou escrever livros dignos de serem lidos; e os que reunem em si ambas as excellencias, os reputo por afortunadissimos.»

PARTE OFFICIAL

MINISTERIO DA FAZENDA

D. Pedro, por graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves, etc. Fazemos saber a todos os nossos subditos, que as côrtes geraes decretaram e nós queremos a lei seguinte :

Artigo 1.º E' auctorisada a camara municipal de Oliveira de Azemeis a levantar um emprestimo da quantia de reis 4:500$000 em metal com o juro não excedente a 6 por cento ao anno.

Art. 2.º O producto deste emprestimo será exclusivamente applicado aos pagamento da expropriação de dois predios, indispensavel para se poder alargar e embellezar a praça ou mercado publico d'aquella villa, e para as obras do respectivo nivelamento, calçadas e mudança do chafariz que ali existe.

Art. 3.º O emprestimo poderá realisar-se por series ou prestações á proporção que as sommas forem precisas para as despezas com as indicadas obras, e segundo parecer conveniente ao conselho de districto.

Art. 4.º As obras para que é destinada a importancia do emprestimo poderão fazer-se por administração ou arrematação em hasta publica, no todo ou em parte, conforme parecer preferivel ao conselho de districto, o qual, em tal caso, dará as convenientes instrucções.

Art. 5.º Para segurança do emprestimo ficam hypothecados todos os bens e reudimentos do concelho. E para a amortisação do capital e pagamento do juro do dinheiro mutuado são especialmente consignados o producto da venda dos fóros do concelho, e as sobras sobras dos rendimentos da camara, depois de satisfeitas as despezas obrigatorias do municipio.

Art. 6.º Os vereadores e quaesquer outros funccionarios que effectuarem, approvarem ou auxiliarem o disvio das quantias mutuadas ou dos rendimentos que as garantem para qualquer applicação alheia á que lhes é prescripta pela presente lei, incorrerão nas penas estabelecidas no artigo 54.º da lei de 26 de agosto de 1848.

Art. 7.º Fica revogada a ligislação em contrario.

Mandâmos portanto a todas as auctoridades, a quem o conhecimento execução da referida lei

---

O *speronare* do capitão Arena, que em 1835 foi meu companheiro de viagem no archipelago de Lipari, era conhecido por o *speronare della Madona del Pie-di-Grotta*.

Deste lugar se desce quasi de subito para o valle de Bagnali, antiga cratéra d'um volcão. As aguas do mar frequentes vezes o inundam, e quando se retiram fica sempre um terreno pantanoso.

Á direita—por cima d'uma collina cortada quasi a prumo surgem os Camaldulos, os Leucojei, e o Olibano;—da esquerda—estende-se o Pausilippo, e defronte espraia-se o mar. Uma estrada magnifica ao longo da costa vai cortando ferteis campinas, por onde serpeiam arroios deleitosos. As vinhas, que em nossas terras nunca deixamos crescer por cima dos esteios, crescem aqui em toda a liberdade; estendem d'arvore a arvore as suas grinaldas carregadas d'uvas, que todo o viandante pode colher; e entrelaçando em esplendido contraste as folhas d'ouro com os fructos de purpura, —debaixo d'esses festões delicados encobrem vastos tapetes de trevo, canamo, milho e aveia, matizados de flores campestres desconhecidas nos nossos climas.

Esta estrada foi construida em 1568 pelo vice-rei Parafan de Ribeira, que mandou collocar duas inscripções no lugar, onde ella se reparte em duas, seperando-se da vereda que vai ter ao lago d'Agnano. Uma das estradas segue para Puzzuoli, cuja direcção a inscripção aponta: *hinc Puteolos*. A outra que era a estrada antiga, descia do Pausilippo por Antiniano, passava por Aguano, atravessava Solfatara, e confundia-se depois na via Campana, que ia ter a Capua e Roma: *hinc Romam*.

Temos de parar aqui ;—acerquemo-nos um pouco do mar, e lancemos os olhos ao redor.

Á esquerda é o nascente. D'alli, como um rochedo salpicado de verdura, surge a pequena ilha de Nisida, que ainda hoje parece quasi pegada á costa por a antiga ponte que deu a Lucullo o apellido de Xerxes—o pequeno. A' direita, isto é, ao meio dia se avista Puzzuoli e os campos Phlegreanos. Ao poente, o monte Nuovo, parto monstruoso d'uma noite de terremoto;—o sombrio lago Averno, celebrado por Virgilío;—Baia e suas plagas seductoras tão temidas de Propercio; —Bauli, a parricida;—os campos Elysios, e o cabo Miseno; — e ao fim lá se desenha por detraz dos campos Elysios, atravez de nevoa vaporosa uma cidade, que vos parece transportada do oriente para a Campania. Essa cidade é Procida, celebre por as feições e roupas gregas das formosas insulanas. Finalmente o quadro é fechado pelo Epomeu, que se destaca ao longe, trazendo á memoria o terrivel Typheu, que aterrou de tal sorte os deuses, que de horrorrisados ao vêl-o, se refugiaram no Egypto.

Havemos de examinar um por um todos os pontos historicos em que acabamos de fallar; como porem não teremos talvez occasião de voltar a Nisida, vamos occupar-nos desta localidade antes d'ir mais longe.

A pequena ilha de Nisida, como o nome indica, era mais uma das propriedades de Lucullo —o marquez de Carabas de Roma. Para maior commodidade a tinha Lucullo unido ao continente com uma ponte, cujas ruinas ainda se descobrem. Já dissémos que por causa d'esta ponte, lançada sobre o mar, lhe chamavam—Xerxes, o pequeno. Ora esta ponte unia a ilha com a *villa* de Pausilippo, da mesma forma que outra mais pequena a punha em communicação com a ilha de Megara, hoje—o castello de l'Œuf no monte Echia, hoje—Capo-di-Monte. Havia alem d'isso um paredão, que alongando-se por o mar dentro da parte d'oeste, formava um porto tranquillo e seguro.

Lucullo, não só um dos maiores generaes mas tambem um dos homens mais sabios e civilisados do seu tempo, foi o primeiro que fez os molhes prodigiosos, que depois serviram de modelo para os portos de Puzzuoli, e Miseno.

Diz Velleio Paterculo no livro III, capitulo 1.º:

«Lucullo, que foi um grande homem, introduziu em Roma a magnificencia dos edificios, o luxo dos banquetes, as grandes assembléas; mandou fazer diques no mar, e furar montanhas, a fim de conduzir as aguas do oceano para as suas propriedades.

«Em Nisida teve Cicero uma entrevista com Bruto, que alli morava como em sua casa no tempo em que era propriedade do filho de Lucullo, seu parente.

«Consta por tradição que em Nisida habitou Védio Pollião, ainda que nos inclinamos á opinião de que morou no cabo Miseno. Não se deve confundir Védio Pollião com seu primo Asinio Pollião, o historiador poeta, protector de Virgilio. Ambos foram amigos d'Augusto. Foi Védio Pollião que um dia em que Augusto jantava em sua casa, quiz mandar lançar ás lamprêas um escravo que tinha quebrado um vaso de crystal. O escravo ajoelhando aos pés de Augusto implorou perdão, e o imperador sendo informado do atroz supplicio com que Pollião punia os seus escravos delinquentes, livrou-o do castigo, mandou quebrar todos os vasos de crystal de Pollião, e entulhar as piscinas.»

Digamos de passagem duas palavras ácerca das piscinas, que eram uma das paixões, que arruinavam os romanos abastados;—já muito antes de M. Costa os romanos tinham inventado a *piscicultura*.

Os romanos tiveram piscinas desde a mais remota antiguidade; até conseguiram criar peixe do mar em agua doce.

Ainda mais;—transportavam as ovas para os lagos interiores. Lê-se em Columella e Plinio, que foi assim que os lagos Velino, Sabatino, Vulsiniense, e Cimino na Etruria produziram douradas, e outras especies de peixes aos cardumes, que conduzidos nas ovas nasciam e viviam n'agua salgada, tornando-se mais saborosos aos paladares dos glotões.

Mas em breve os ricas romanos deixaram ficar as piscinas d'agua doce aos especuladores, e diligenciaram tel-as d'agua salgada. (*Continúa.*)

perteucer, que a cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como n'ella se contém.

O ministro e secretario d'estado dos negocios do reino a faça imprimir, publicar e correr. Dada no paço das Necessidades, aos 20 de agosto de 1861. = el-rei, com rubrica e guarda. = *Marquez de Loulé*.

Carta de lei etc.

D. Pedro por graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves, etc. Fazemos saber a todos os nossos subditos, que as côrtes geraes decretaram e nós queremos a lei seguinte:

Artigo 1.º E' o governo auctorisado a crear na cidade de Angra do Heroismo, da ilha Terceira, um estabelecimento que promova o desenvolvimento da agricultura, e sirva de garantia á manutenção da subsistencia da classe pobre da ilha.

§ unico. Serão applicados para a fundação d'este estabelecimento os fundos destinados para o celleiro dos pobres e os havidos por subscripção.

Art. 2. O governo dará conta ás côrtes, na proxima sessão, do uso que fizer d'esta auctorisação.

Art. 3.º Fica revogada a legislação em contrario.

Mandâmos portanto a todas as auctoridades, a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como n'ella se contém.

O ministro e secretario d'estado dos negocios de obras publicas, commercio e industria, a faça imprimir, publicar e correr. Dada paço das Necessidades, aos 21 de agosto de 1861. = El-rei, com rubrica e guarda = *Thiago Augusto Velloso de Horta*. = Logar do sêllo grande das armas reaes.

Carta de lei etc.

CORRESPONDENCIAS

Sr. redactor.

Ilhavo 22 de setembro de 1861.

Em um dos numeros do *Campeão das Provincias* vem uma local, cuja *redacção* nos é muito conhecida pelo modo de contar os factos.

Primeiro que tudo, o noticiarista mostrou-se muito admirado por os astistas desta villa levarem á scena o drama do sr. Mendes Leal — *Os homens de marmore*; e depois diz que o escrivão da camara o sr. M. A. Ferreira *reprezentara* uma *scena comica* em cuja execução fora pouco feliz.

Em quanto á representação dos artistas não teem de que se admirar: se duvidam que elles representassem o drama, e este fosse bem executado, já que não viram, perguntem, e todos lhes dirão, que andaram muito bem.

Estes senhores não podem levar á paciencia que os artistas levassem á scena aquelle difficil drama.

Até consta, que se disse em Aveiro, e mesmo aqui — que — *representaram só 3 actos, e deixaram 2 para outra vez*; e tudo isto para desacreditarem ! !

Felizmente os applausos que tiveram, tanto da primeira, como da segunda vez, é uma prova, de que a representação correu regularmente.

Tenham paciencia: nós bem sabemos quanto lhes deve custar o merecimento dos artistas, e o progresso que tem tido na arte dramatica, apezar de não serem *pessoas mais gradas da terra*: resignem-se com a sua sorte: não se mordam de inveja, e de raiva, que parece isso muito mal a pessoas de *tantissimos* conhecimentos.

Ora, a respeito da farça, drama, ou comedia, como lhe chama o noticiarista, representada pelo sr. Ferreira, dir-lhe-hemos, que, como sempre, mentem no modo de o contar.

O sr. M. Ferreira levantou é verdade, a voz de — viva o sr. J. Estevão, mas, que este grito não fosse applaudido, é mentira. Quando o sr. Ferreira levantou a voz, dizendo — *Viva o illustre deputado J. Estevão Coelho de Magalhães*, foi freneticamente correspondido pela plateia toda: não foram dois padres, e o rapazola, que corresponderam a este viva — foram todos os que ali se achavam.

E quer o noticiarista saber porque esta voz foi tão enthusiasticamente applaudida?

Porque todos conhecem o sr. José Estevão, todos conhecem os seus serviços, e os seus merecimentos, o seu talento, e sobretudo o seu caracter franco, leal, e d'uma honradez a toda a prova.

Viva o sr. José Estevão! — Repetiu a platêa enthusiasmada — viva esse homem, que tantos serviços tem prestado á causa da liberdade? Viva esse illustre deputado, que tanto tem pugnado pelo bem do seu paiz, e da sua terra.

Viva o sr. José Estevão! — Que ainda ha pouco com as suas instancias, e *exclusivamente elle* nos obteve um melhoramento de utilidade reconhecida por todos os cidadãos de Ilhavo, qual é a construcção d'uma ponte, que liga os povos d'este concelho com o importante logar da Gafanha.

Viva o sr. José Estevão, que não é palrapatão, como esses que alardeam serviços, que não tem, nem hão de ter, porque Deus os não fadou para isso.

Viva o sr. José Estevão pois, e viva por muitos annos, que são d'estes homens que nos vem o proveito para o nosso paiz.

Diz mais o noticiarista, que os partidarios do sr. Firmino, quizeram vir ao theatro levantar o grito de *viva o sr. deputado por Agueda*. Pois viessem, que era então que vinham bem. Pois viessem, se queriam ter mais uma occasião de verem e conhecerem a nenhuma sympathia, que este sr. tem neste concelho.

Pois viessem fanfarrões, que nós lhe mostrariamos, que o campo em que militamos é o campo da honradez, da justiça, e da moralidade. Viessem — viessem.

Um assignante.

NOTICIARIO

O que o berço dá a tumba o tira. —A tumba do nosso rifão, não leva, tira, e não queremos o verbo tirar na accepção de levar, mas sim na accepção d'extinguir, ou acabar etc. Vejam se assim fica o rifão mais estropiado.

Então em que ficâmos, comemos, ou não este anno a carne mais cara sete réis e meio em arratel do que o anno passado? E de certo não ha rasão nenhuma para esta carestia, porque nos asseguram que o gado está mais barato.

Mais este beneficio que devemos á actal vereação.

Parece que lhe custou a entender, que tendo a vereação transacta arrematado o fornecimento das carnes meio anno a 55 rs., e meio anno a 60 rs.; e comendo-a nós este anno a 65 rs., damos mais sete réis e meio em arratel: quando escrevemos isto chamaram-nos censores de verdade e consciencia, e de tanta verdade e consciencia, que dissemos isto.

Precisamos de lhes metter um sacatrapos muitas vezes para vir alguma cousa de verdade.

O repêso não ha dúvida que foi transplantado de Ferreiros de Tendaes, e foi adoptado e approvado só para que o presidente da camara transacta se descartasse do zangão do Riba-Douro.

Nós cuidavamos que o presidente e os seus collegas o tinham adoptado por reconhecerem a necessidade delle, e que pela mesma rasão o tinham approvado os conselheiros de districto, porque faziamos a devida justiça á intelligencia e zêlo pelo bem publico d'uns e outros, mas agora vemos que não. Elles que lhes agradeçam.

Mas fosse pelo que fosse, o facto é que o repêso foi uma medida adoptada pela vereação transacta e approvada pelo conselho de districto, e como tal tinha a actual vereação obrigação de a cumprir.

E não tregiversem que não podem, em quanto a não derogassem pelos meios legaes, deviam cumpril-a. Isto é rudimental.

Ainda mais uma vez asseveramos, que a vereação transacta metteu no bolso dos consumidores quatro contos de réis, pelas medidas que tomou na occasião, e por aquellas que deviam ser cumpridas.

Dizem que é uma calumnia nossa o escrevermos, que o presidente da actual vereação tinha promettido remmir o seu peccado (arboricidio), fazendo entrar no cofre municipal um conto de reis. Não ha modo mais facil de responder; mas ainda assim acreditamos que escreveram isto sem o consultar, porque lhe fazemos a justiça de o julgar incapaz de o negar, e mesmo, porque se ha-de lembrar que o não disse a uma só pessoa, mas a mais, e entre ellas a um dos seus maiores amigos.

A nós, cujo officio é calumiar, falsificar e empalmar, não nos fica mal negar o que tivermos dito, mas a outra qualquer pessoa, e muito principalmente ao presidente da actual vereação, ao nobre deputade por Agueda, fica malissimamente. Repetimos, é impossivel qne o illustre deputado o negue.

Não asseveramos com ignal grau de verdade a promessa da vinda do Bispo, corpo militar para Aveiro e extincção do direito do pescado; porque não foi dito a nós, mas temol-o ouvido a dezenas de pessoas, e ainda o outro dia em conversa o ouvimos a uns homens d'Arada n'um torrente d'elogios ao sr. deputado por Agueda. Mas com a mesma verdade asseveramos a promessa d'uma boa lei de recrutamento, e sem a qual não vinha de Lisboa; até nos lembra que foi no governo civil onde a fez.

Se não querem, ou não podem cumprir não cumpram, mas não digam que é calumnia que lhe levantamos.

Nunca negámos o que dissemos, relativamente ao corte da alameda de Santo Antonio: que deveriam ser cortadas aquellas arvores, que estivessem de todo seccas, e que limpassem os ramos velhos e sem vida, que algumas outras tivessem: mas foi isto o que se praticou? Decerto que não.

Lançaram abaixo as melhores e mais corpulentas, e até umas novas que estavam para o lado do nascente na mesma alameda, arvores que teriam 14 ou 16 annos de idade.

E será isto tambem calumnia? Se o é, devem imputal-a ás arvores que vimos depois de cortadas, vendidas aos srs. João Carlos do Amaral Osorio, Joaquim de Sequeira Moreira, e Manoel Luiz da Silva Guimarães; estas vimos nós em perfeito estado d'integridade, ao menos os troncos, e uma arvore nunca está morta, quando o tronco não o está.

Talvez estes senhores ainda tenham madeira d'estes troncos que, mesmo hoje, atteste a nossa verdade.

Soceguem que havemos de descalçar a bota dos retratos a aprazimento de todos os curiosos. Esta e outras muitas caricaturas hão de ter o seu devido lugar.

Não vimos a explicação da *peca inimitavel*, e não conhecemos os judas *ischariatas*. Isto ou é erro typographico, ou então pertencem ao diccionario delles.

Bons phylologos são elles, principalmente no uzo de certas palavras muito communs em sitios por elles muito conhecidos e frequentados; mas têem a impunidade dellas na prostituição da sua cara.

Cremos piamente que a providencia nunca deixa sem castigo os grandes criminosos, mas elles são um desmentido formal a esta nossa crensa.

Parece-nos que elles não creem neste castigo providencial, por que á muito e de muitos modos nos teem procurado o castigo dos homens, e até fazendo promessa antecipada do que não é delles.

Continuem, *o que se não faz em dia de Santa Luzia, faz-se em outro dia*. Não desanimem, *quem porfia mata caça*.

Sir John Rennie. — Este illustre engenheiro inglez depois de ter chegado a Lisboa a 13 do corrente, partiu no Açoriano para a ilha de S. Miguel no dia 16 aonde vae dirigir as obras da docka.

Passa por ser sir Rennie um dos primeiros engenheiros hydraulicos da Europa.

Caminhos de ferro portuguezes. —Os trabalhos do caminho de ferro na 4.ª secção, desde Coimbra ás Vendas da Pedreira, continuam com grande actividade; já se começou a construcção do muro de supporte no Valle do Mondego, assim como se estão dispondo todos os materiais para começar brevemente a construcção da ponte sobre aquelle rio; os trabalhos de movimentos de terras estão bastante adiantados, e as obras d'arte construem-se com rapidez. Desde as Vendas da Pedreira até Aveiro estão ultimados os estudos, e brevemente se dará começo á construcção.

Na 5.ª secção os trabalhos marcham com enorme rapidez; o grande atterro do Valle do Vouga acha-se em grande estado d'adiantamento, e já se começou n'ella a construcção de cinco obras d'arte, a ponte d'Antuã acha-se concluida; já existe via assente na extensão de 6 kilometros; estão já montados os taboleiros de ferro das pontes dos rios Gondes, Madria, Riada, e vão montar-se ás outras.

A estação d'Ovar acha-se concluida. Nas proximidades do Porto continuam os trabalhos com bastante actividade, estando promptas a maior parte das obras d'arte; e começaram-se hoje os trabalhos de terraplenagem na quinta das Devesas, local da estação de Villa Nova de Gaya, e dentro em um mez se começarão os edificios da estação e accessorios. No tune de Villa Nova continúa a abertura da galeria da parte d'este, tendo mais de 60,0 m. abertos. A passagem de Giribide acha-se concluida, assim como o grande muro de supporte em Quebrantões. Já desembarcou em Aveiro uma locomotiva, e dentro em poucos dias estará em Estarreja e em trabalho sobre a via, cujo assentamento avançará rapidamente.

Na ultima semana trabalharam na 2.ª divizão os seguintes operarios: 4056 homens, 3139 mulheres e rapazes; 405 carros, 8 cavalgaduras, e 34 wagons.

Empregam-se diariamente na 4.ª e 5.ª secções 9000 pessoas aproximadamente.

Estado sanitario de Lisboa no mez de Agosto—O tempo durante o mez foi calmoso; em alguns dias esteve a temperatura moderada pelo vento que soprou do mar e do norte; em outros dias porem o calor foi fortissimo, lêmos na *Gazeta Medica*.

As molestias predominantes foram as affecções de vias digestivas; gastro-enterites, colites, embaraços gastricos, febres gastricas. As enterites e cotites principalmente foram muito frequentes, começando ás vezes com a fórma de enteralgias.

Em algumas creanças manifestou-se como uma especie de cholerina: vomitos, diarrhea, prostração, dores nas pernas, olhos encovados. Depois de algumas horas estes symptomas diminuiam de intensidade, desappareciam, e estabelecia-se a reacção com pequena febre; no dia seguinte os doentes entraram em convalescença.

Em alguns casos depois das primeiras dejecções alvinas, vinham fezes muito aquosas, e simulando agua de arroz. Entretanto não ha outro indicio que nos faça suspeitar a proximidade de uma epidemia cholerica; estes mesmos phenomenos morbidos se têem observado em outros annos nesta estação.

Ao hospital de S. José tem affluido um bom numero de doentes affectados de febres intermittentes. A maior parte procede dos trabalhos do caminho de ferro do sul. Em alguns a febre apresentou e caracter pernicioso, mas ainda neste caso quasi todos se teem curado.

Ainda appareceram casos de tosse convulsiva e bastantes de angina simples. Os rheumatismos teem diminuido, assim como as febres eruptivas. Ha comtudo urticarias e fogagens, como é costume nesta quadra.

Não temos noticia de caso algum da doença que agora affligе Saint-Nazaire, e de que acaba de ser victima o medico de Montoir, o qual regressando para a sua casa a cavallo, foi de subito atacado de febre amarella. O desgraçado apenas teve tempo de apear-se, recostar-se á sombra de uma arvore e ahi morrer.

Presentes de nupcias—Segundo diz um jornal da capital, el-rei D. Fernando brindou a sua augusta filha com o vestido das nupcias de soberbas rendas de Bruxellas, avaliadas em mais de tres contos de reis.

El-rei D. Pedro presenteou, sua augusta irmã com um riquissimo *broche* de magnificos diamantes brilhantes; o infante D. Luiz com um outro *broche* do mesmo gosto e de muito valor.

A imperatriz duqueza de Bragança tambem presenteou S. A. a senhora infanta, sua neta, com um toucador todo de prata, com columnas massiças de muito valor, e de exquisito trabalho.

O imperador do Brasil e S. A. R. a senhora infanta D. Izabel Maria, tambem fizeram riquissimos presentes a S. A. a infanta D. Antonia.

A febre em S. Nazaire.—Ficou de quarentena o vapor ultimamente chegado de S. Nazaire, e foi o porto novamente declarado sujo em vista de participações officiaes, que annunciam novos cazos de febre em marinheiros ou trabalhadores empregados a bordo dos navios ancorados no rio.

O estado sanitario da povoação era todavia bom, no dizer de taes participações, se bem que tinha occorrido a morte d'um dos medicos, que tratou doentes a bordo.

A este respeito diz o jornal de Loiret de 7 do corrente o seguinte:

«Ha um mez pouco mais ou menos a galeota *Anna Maria*, que Deus confunda, ancorava em S. Nazaire, procedente da Havana com 2000 caixas de assucar.

Este navio tinha partido da Havana no mais forte da febre amarella, e por estes grandes calores.

Dois marinheiros morreram durante a viagem, mas como o navio trazia patente limpa, e que as mortes tinham tido logar havia mais de dez dias; na occasião de chegar ao porto o *Anna Maria* foi admittido á livre pratica, nos termos da lei de saude; e a ninguem podia lembrar a febre amarella, que ha mais de 30 annos não tinha grassado em França.

O *Anna Maria* ancorou perto do caes da marinha, ao pé de dois barcos do estado; o *Chassan*, pequeno vapor da officina do Indret, e o avizo *Cormoran*.

No dia immediato o segundo commandante do «*Anna Maria*» adoecia com todos os symptomas de febre amarella, isto é, vertigens, vomito negro e manchas amarellas na superficie do corpo, segundo a declaração dos facultativos que o examinaram. Todas as pessoas empregadas na descarga do navio foram atacadas d'uma doença subita, rapida, espantoza—a febre amarella.—O *Chassan* e o *Cormoran* tiveram alguns marinheiros mortos do flagello; só um rapaz deste navio teve a felicidade de se curar da doença.

Os rapazes gosam, como os negros, do privilegio de ficarem ao abrigo desta doença.

Um medico dos suburbios de S. Nazaire, medico em Montoir, tinha vindo tratar tambem os doentes, voltando depois para sua caza, porém n'uma das occasiões, que como de costume, se recolhia, foi acommettido de repente de vomito, depois de vertigens, não tendo tempo senão de apear-se do cavallo, deitar-se debaixo d'uma arvore, e expirar.

O pobre facultativo de Montoir, victima do seu zelo e dedicação, deixa 3 filhos, e para accrescimo a mulher pejada.

Contavam-se já 18 mortes de febre. O mesmo jornal diz que o sr. Melier tinha dado ordem de submergir o *Anna Maria* e formando uma quarentena na bahia de S. Nazaire.»

Epizootia.—Reina actualmente na especie bovina da ilha da madeira, segundo noticias d'ahi recebidas, uma doença muito mortifera, de que não sabemos a natureza, parecendo pelas victimas que tem feito, e pellas medidas prophyleticas aconselhadas ser eminentemente contagioza.

Lembram-se pessoas competentes de que seja o typho contagioso dos bois.

Julgamos de alta conveniencia que o governo a mande estudar por pessoa idonea, não só para interessar a sciencia, mas para de um modo competente ser debelada, se houver a infelicidade dos nossos bois serem acommettidos por tão perigosa enfermidade.

A caza de Hohenzollern-Sigmaringen.—Lê-se na *Politica Liberal* o seguinte:

«Por occasião do cazamento da senhora infante D. Antonia com o principe Leopoldo, julgamos interessante dar uma breve noticia do principe de Hohenzollern-Sigmaringen e de seus estados.

«O principe Carllos de Hohenzollern-Sigmaringen nasceu aos 7 de setembro de 1811, succedeu a seu pai, que morreu em 11 de março de 1853, em virtude da cessão paterna de 27 de agosto de 1848; abdicou em favor do rei da Prussia por acto de 7 dezembro de 1849, e recebeu por carta regia de 20 de março de 1850 o titulo de alteza e as prerogativas de principe secundogenito da caza real; é tenente general ao serviço da Prussia. commandante da 14.ª divisão (Dusseldorf) do 7.º corpo de exercito prussiano, chefe do 26.º regimento de infanteria, e actual prezidente do conselho de ministros.

«Seu filho, o principe Leopoldo, nasceu aos 22 de setembro de 1835; e é capitão do 1.º regimento prussiano da guarda a pé.

«Em 1807, o principe de Hohenzollern Sigmaringen, sendo soberano pela sua accessão á confederação ao Rheno, foi autorizado pelo rei da Prussia a tomar o titulo de principe, que o então imperador da Austria, Francisco I, reconheceu.

«Pelo tratado de 7 de dezembro de 1849, os principes de Hohenzollern Hechingen e de Hohenzollern Sigmaringen cedêrão todos os seus direitos de soberania sobre os dous principados por si e seus herdeiros ao rei da Prussia.

«Em compensação, a Prussia ficou pagando ao primeiro uma renda vitalicia de 10:000 escudos, e ao segundo uma renda annual de 25 mil escudos, os quais passarão ao chefe da caza por successão.

«O principe de Hohenzollern-Sigmaringen, que pertence á Prussia desde 1850, está encerrado no reino de Wurtemberg, tem de superficie 92:000 hectares; 51:300 habitantes; o seu contingente federal é de 356 homens—rende annualmente 180:000 florins do Rheno, e deve 100:000. Compreende os condados de Sigmaringen Vœhringen; Haigerloch; e os senhorios de Glatt, Beuren, Fierstemberg Trochtelfingen, de Tour et Taxis

(senhorio de Tasso ou Tassis?), e a baronia de Speth, possessões mediatas d'estas tres familias.

«Sigmaringen, na margem direita do Danubio, a 94 kilometros S. de Stuttgard, é a capital do principado; o palacio do governo está n'uma altura ao norte da cidade, e tem uma execellente galeria de quadros. Ha n'esta pequena cidade 1:800 habitantes; bibliotheca, gabinete de medalhas, archivos, e escóla normal. A parte septentrional do principado é montanheza. Ha em todo o paiz grandes florestas; minas de ferro; agricultura, mas pouca industria.

«Depois do Sigmaringen as duas cidades principaes são: Trochtelfingen e Haigerloch. Vœhringen, a dez kilometros ao N. de Sigmaringen, é tambem cidade da mesma importancia quazi.»

Precioso presente. — Um amigo nosso enviou a esta redacção uma collecção quasi complecta do jornal, que nesta cidade se publica ha 10 annos. Agradecemos como o melhor presente que nos podiam fazer.

Quando tivermos tempo e espasso iremos apresentando a nossos leitores curiosissimas confrontações d'homens e cousas de outro tempo, com homens e cousas d'agora.

Decerto não ficarão surprehendidos com muitas metamorphoses que nellas verão, mas certamente se hão de rir com outras, e terão muitas que lhe metterão nojo.

Saude em Aveiro. — Até ao presente não pode ter sido melhor o estado sanitario desta cidade; as febres intermittentes, que tanto grassavam em outros annos nos mezes d'Agosto e Setembro, este anno são muito poucas, e comtudo semeou-se o mesmo arroz ou mais, e estes dous mezes correram muito seccos,e pouco abundantes de nortadas. Com factos destes é que se desmentem as asserções que vimos no relatorio da commissão encarregada de estudar esta materia, como entre outras as seguintes: «em Portugal prova-se que 16 hectolitros de arroz custam uma vida, —que a mortalidade nas terras onde hoje se semeia arroz, comparada com a que havia antes de o semearem dá cincoenta por cento mais». Sendo assim, pouca gente haveria viva em Aveiro e nos concelhos limitrophes.

Não nos espantam estes calculos, conhecendo como em Aveiro foi estudada pela illustre commissão esta materia, bastará dizer que se demorou aqui dous ou tres dias, e tão despreoccupada vinha, que nos consta, que cada um dos seus membros tomava por dia uma porção de sulphato de qninina !!!

CORREIO

LISBOA 22 DE SETEMBRO

(Do nosso correspondente.)

Já terá visto, provavelmente, os documentos officiaes em que o sr. visconde de Seissal dá parte ao nosso governo do acolhimento distincto com que foi recebido e toda a missão portugueza pelo rei d'Italia.

Com effeito, o manarcha italiano esmerou-se em dispensar ao enviado portuguez o maior favor e distincção. Estes obsequios devem lisongear-nos, não só porque significam consideração pelo paiz, mas porque nelles se denuncia tambem que se deu importancia ao acto de reconhecimento do novo reino d'Italia por parte de Portugal. E esta importancia é sempre significativa, porque mostra que ainda valemos alguma cousa perante uma nação, que hoje conta 22 milhões de habitantes.

Se nesta terra houver juizo, em quem a governe, ainda espero, e talvez em praso não muito distante, que recuperemos senão toda, ao menos parte da influencia que já tivemos.

Quem sabe se terá sido um bem para nós a animosidade com que os hespanhoes começaram a tratar-nos, a soffreguidão que mostraram em nos querer absorver, e até o desfavor com que fallaram deste povo alguns escriptores estrangeiros, ignorantes do que somos e do que valemos?

Ás vèzes por caminhos tortos chega-se á estrada real. Assim nos póde acontecer. A acção produz sempre a reacção; assim tambem, á força de quererem humilhar-nos, talvez alcançassem o resultado contrario. Começaram alguns espiritos parciaes a dizer muito mal de nós; isto despertou o nosso justo orgulho, como era de esperar, temos procurado, ainda que lentamente, desmentir por factos honrosos as calumnias que nos assacaram, e, se não me engano, nos proprios paizes que se mostravam mais interessados em desacreditar-nos, vae-se operando um revivamento d'opinião em sentido que nos é favoravel.

Ha males que vem por bem. Repito; façamos por ter juizo, olhemos com circumspecção para os recursos de que podemos dispôr, aproveitemol-'os com decisão prudente, e não será difficil conservar a nossa independencia e autonomia, e com ellas obter n'um futuro proximo o logar que nos pertence entre as primeiras nações de segunda ordem. A natureza favoreceu-nos com um solo abençoado e com uma invejavel situação geographica, o valor de nossos maiores deu-nos territorios valiosos, de que ainda conservamos uma bor porção, e desde o dia em que sériamente olharmos para os nossos mais legitimos interesses, começará para Portugal uma nova era de prosperidade e grandeza. Unamo-nos, e seremos fortes.

Os negocios de Napoles encaminham-se a um fim proximo. O rei Victor Manoel, e com elle a Italia vão tirando bons resultados da actividade e energia empregadas pelo general Cialdini. As submissões dos chefes revoltosos vão augmentando diariamente, e restabelecendo-se o socego nas povoações rebelladas. Deve ser um dia de grande jubilo para a Italia e para a Europa aquelle em que for realisada a pacificação das provincias do sul do novo reino.

Os negocios de Roma, afigura-se a alguns, que apresentam agora uma nova face, em sentido favoravel a terminar proximamente a melindrosa questão que se agita. Não falta quem veja nos recentes actos do imperador Napoleão mais um meio politico e diplomatico de provar á Europa a impossibilidade absoluta em que se encontra a curia romana de sustentar o podêr temporal. Acredito no respeito e veneração do monarcha francez pelo summo pontifice, mas estou longe de crer que elle queira conservar-lhe o podêr temporal. Que sua santidade o perdeu de facto, e em parte por motu proprio, parece-me que não é ponto duvidoso para a historia; não sei, porém, quando o facto se apresentará revestido de todas as condições do direito.

O parlamento de Vienna apresenta-se muito maisa diantado em materia de administração e politica, do que era dado suppôr. As medidas já apresentadas fazem honra ao adiantamento da camara austriaca, e no caso de serem approvadas as propostas que já existem, é certo que a Austria se avantajará a muitos paizes liberaes. Estou em que o governo austriaco ha de ganhar muito mais pelo estabelecimento sincero da liberdade constitucional, do que alcançaria sobre a opinião dos povos pelas bayonetas do seu numeroso exercito.

A coroação do rei da Prussia parece que devia fazer-se com o maior esplendor. O processo do regicida Backer começará brevemente. Não deve deixar de ser curioso, principalmente se chegarem a alcançar-se revellações.

Não ha ainda noticias de ter chegado a Southampton a corveta *Bartholomeu Dias*. É provavel que venha hoje alguma participação telegraphica. Ouvi dizer hontem á noute que a sr.ª infanta D. Antonia desembarcava em Inglaterra. Não sei se é verdade. Os srs. D. Manoel de Sousa e Carlos Caula foram os officiaes encarregados de acompanhar o sr. infante D. João.

Reuniu-se na sexta feira passada a assemblêa geral do Banco de Portugal para tractar do emprestimo á companhia União Mercantil. A assemblêa mostrou as melhores disposições para fazer o emprestimo, e auctorisou a direcção para nomear uma commissão especial que se occupe d'este assumpto.

Os ratoneiros d'aqui tem agora levado uma grande caça. Ainda bem. Tem sido apanhados alguns, e pelas diligencias empregadas pela policia deu-se com um escondrijo onde se recolhiam de noute muitos vadios. Esta descuberta deu tambem lugar a que se désse com uma excavação que havia por baixo de uma propriedade do sr. conde do Sobral, excavação que é necessario entulhar para não prejudicar o predio. Dois dos taes vadios foram apanhados dentro da excavação, quando estavam deitados sobre palhas e dormindo a somno solto.

Já falleceu o conselheiro Luiz José da Silva. As circumstaucias em que deixou a sua familia são lamentaveis.

Consta-me que será publicado no *Diario* de ámanhã o decreto para as eleições das vacaturas que ha na camara dos deputados. O dia 20 d'outubro é o determinado para as eleições.

Tambem me consta que se procederá brevemente a algumas alterações importantes na organisação e direcção do *Diario do Governo*. Creio que se tracta de entregar a direcção ao sr. conselheiro Firmo Marecos, e que haverá grande reforma no pessoal empregado nos trabalhos da folha official.

Não sei ainda em que consistirá a reforma. Entretanto supponho trabalho excessivo a accumulação de director da imprensa nacional e do *Diario*. É serviço com que não pode um homem só. E cabe aqui fazer os devidos elogios ao sr. Vieira da Silva, que tem sido infatigavel no desempenho do cargo de que está incumbido, e para o bom desempenho do qual tem provado muita assiduidade e intelligencia.

Já deve ter conhecimento da declaração que ultimamente publicou pela imprensa a commissão italiana. Respeito muito os cavalheiros que a compõem, mas respeito ainda mais a verdade. A commissão, com a declaração que fez, não se mostrou sincera, antes muito parcial. Se á commissão, depois de lhe terem negado a igreja do Loreto, lhe era indifferente qualquer outro templo onde celebrasse as exequias por alma do conde de Cavour, porque não acceitou a igreja de Santo Antonio, que foi posta á sua disposição pela camara municipal?

Lamento que o sr. patriarcha e os priores de Lisboa se negassem por evasivas, ou por uma recusa terminante a annuir aos desejos da commissão, e aos votos da opinião publica; mas para ser justos, cumpre confessar que, depois do offerecimento da camara municipal, as exequias não se fizeram, ou porque a commissão não quiz ou não poude. Em qualquer das hypotheses cumpria-lhe ser mais sincera, e não concorrer por actos publicos para que seja mal avaliado o paiz, que lhes dispensa uma hospedagem benevola. Já em tempo tambem se creou uma commissão d'italianos para dar um jantar, a fim de commemorar o dia em que Victor Manoel tomou o titulo de rei d'Italia, mas tal jantar nunca se effectuou. Não me consta que o clero de Lisboa lhe puzesse embargos. Alguem me disse que o proprio marquez de Bella insinuara aos seus patricios a que desistissem de fazer as exequias.

Seja como for, a dignidade do paiz exige que as cousas se historiem como na verdade são. Agora está aberta a subscripção pelo sr. conde de La Minerva para o monumento que vae levantar-se em Turin ao grande estadista.

A tourada dos curiosos não vale a pena de ser commemorada. A' excepção do sr. conde de Vimioso, que se mostrou o cavalleiro gentil e garboso, como sempre foi, os mais curiosos creio que foram á praça para. . . . não tourearem ! A enchente não podia ser maior. Houve quem comprasse bilhetes, e por bom preço, e não vio nada.

A companhia de S. Carlos não chegou ainda. Hontem entrou a barra o vapor *Esthefania*, vindo dos portos d'Africa occidental. Das eleições d'Angola nada se pode saber ainda, porque é hoje, se bem me lembro, que tem lugar o apuramento.

Temos novo folheto. Intitula-se «*Se eu fora papa.* » E' escripto pelo padre Cayla, que não tem sido indifferente aos negocios de Roma. O auctor vota pela separação dos poderes espiritual e temporal, e dá conselhos ao papa no sentido de consultar a opinião do povo romano.

Devo tambem fallar-lhe d'uma obra, de que já sahio o primeiro volume e está quasi prompto o segundo. E' a Collecção da nossa legislação militar, de que é auctor o sr. João José Alcantara, alferes ajudante d'infanteria n.º 4. A pessoa muito competente ouvi dizer que era este um trabalho muito importante e perfeito, e que parece impossivel como um homem só se abalançou a fazel-o.

O sr. Moraes Mantas peiora, e dá serios cuidados á sua familia e aos seus amigos.

Morreu hontem afogado, defronte da praia de Santos, um rapaz, que dizem era cabo de policia. Attribue-se aquella desgraça á imprudencia de aventurar-se a tomar banho longe de terra sem saber nadar.

O imperador do Japão prezenteou el-rei com um caixote em que estão colligidas as moedas que circulam naquelle imperio. O sr. D. Pedro 5.º vae enviar-lhe um caixote com os exemplares da nossa moeda.

A *Revista Contemporanea* trata de habilitar-se para ser um jornal politico, sendo a parte politica encarregada ao sr. Antonio de Serpa, e a correspondencia politica de Paris ao sr. Teixeira de Vasconcellos.

Se a *Revista Contemporanea* se propõe a tratar as questões de politi a geral á imitação da *Revista dos Dois Mundos*, intendo que não faz mal; mas se quer fazer politica como, geralmente, a fazem os nossos jornaes, julgo que não anda bem avisada. Demais, que importancia politica pode ter um jornal que se publica uma vez por mez ?

O rendimento da alfandega grande até hontem importou em rs. 175:690$215. E o da alfandega municipal até á mesma data em 48:734$225.

Na cotação dos papeis de credito não tem havido alteração.

EXTERIOR

Folhas de Madrid de 18, de Pariz de 17, do Havre e Bruxellas de 15.

As noticias da Italia fallam largamente do grande enthusiasmo com que Victor Manoel foi acolhido em Florença.

O rei chegou a 14 e inaugurou a exposição a 15.

Respondendo ao discurso do marquez Redolfi, presidente da commissão encarregada de organisar a exposição, Victor Manoel fallando da sua dedicação á ideia da unidade italiana, disse:

«Se esta grande obra não está concluida, concluir-se-ha: a Italia apparecendo aqui toda representada, renova o seu voto solemne de união n'uma só nação.»

Os jornaes italianos annunciam que Garibaldi definitavamente recusou o commando do exercito federal da America do Norte, declarando que não abandonaria a Italia em quanto Roma e Veneza lhe não pertencessem.

Pela primeira vez desde o começo da guerra nos Estados Unidos se recebem noticias favoraveis ao partido da união.

A expedicção naval de que as ultimas noticias annunciaram a partida para um destino desconhecido, ás ordens do general Butler, chegou em frente dos fortes do Cabo Hatteras que bombardeou, a 28 de agosto. Na manhã seguinte a guarnição separatista dos fortes capitulou. 25 peças, deposito d'armas e 3 navios cahiram em poder dos federaes.

Um despacho de Londres diz que 50 navios pertencentes aos separatistas tinham tambem sido apresados.

Parece que á partida do correio o presidente da Confederação do sul, estava perigosamente doente.

MOVIMENTO DA BARRA

Aveiro 19 de setembro

ENTRADAS

CAMINHA — Hiate portuguez « Gavinho Primeiro », capitão J. L. Gavinho, 6 pessoas de tripolação, em lastro.

ANNUNCIOS

Pela direcção das obras publicas do districto de Aveiro se faz publico que no dia 6 do proximo mez de outubro, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde, no edificio da secretaría da direcção das mesmas obras, se ha de pôr em praça o fornecimento da mobilia abaixo designada para o lycêu de Aveiro; podendo tambem aquelles que quizerem arrematar o mesmo fornecimento, dirigir as suas propostas, em carta fechada, á direcção das obras publicas do districto, até ao dia designado para a referida arrematação, em que os proponentes ou seus delegados deverão comparecer.

As condições relativas a este contracto estarão patentes no acto da arrematação.

Mobilia

Trez éstantes d'oleo ou caixão com molduras e caixilhos de vidraça.
Quatro mesas da mesma madeira.
Uma mesa grande para os exames.
Seis mesas pequenas para o mesmo fim, d'oleo ou caixão.
Trez bancadas em amphitheatro para as trez aulas.
Trez cadeiras para os professores nas trez aulas.
Uma pedra para a aula da terceira cadeira.
Oito duzias de cadeiras de palhinha.
Uma estante para a secretaría.
Uma secretária para a mesma.
Uma estante para os editaes.
Quatro bancos d'encosto para o salão da entrada.
Quatro ditos para a entrada.
Uma escada movel, grande, d'oleo ou caixão.
Outra mais pequena.

Aveiio 14 de setembro de 1861.

Silverio A. P. da Silva

Engenheiro director.

AZEITE DE OLIVEIRA

Pereira & Filho tem para vender aos alqueires e a preço commodo, uma porção d'azeite d'oliveira, de superior qualidade.

Perderam-se desde o lugar d'Arada até ao de Salgueiro umas bolsas de sella que continham dentro um pouco d'assucar e algum chumbo. Quem as tiver achado e as queira restituir, pode dirigir-se ao escriptorio desta administração, para se dizer quem é seu dono.

AGENCIA NO RIO DE JANEIRO.

BANCO DE PORTUGAL

Os srs. possuidores d'apolices da divida publica do Brazil, bem como os srs. accionistas do banco do Brazil e do banco Rural Hipothecario do Rio de Janeiro, residentes em Portugal, que quiserem receber os juros das ditas apolices, e os dividendos das referidas acções neste reino, são convidados a enviar as suas procurações, devidamente legalisadas perante os consules do Brazil, á direcção do Banco em Lisboa, ou á administração da Caixa Filial do mesmo banco no Porto para serem remettidas á Agencia do Banco de Portugal, no Rio de Janeiro para aquelle fim.

Lisboa 7 de setembro de 1861.

Os directores,

José Marques Leitão.

Joaquim José Fernandes.

AULAS ECCLESIASTICAS.

Hão de abrir-se no dia 12 do proximo Outubro---sendo as matriculas nos dias 10 e 11.

Quem precisar d'um escrevente em circumstancias de reger um cartorio, com alguns principios de latim e francez, e bem assim de outro qualquer escriptorio, dirija-se a esta redacção em carta fechada, franca de porte, onde se darão os esclarecimentos necessarios.

RESPONSAVEL — *Manoel Cypriano da Silveira Pimêntel.*

Typographia do Districto d'Aveiro.